

Três Centenários da Poesia Cearense

Sânzio de Azevedo

ESTE ano de 1993 registra vários centenários importantes nas letras cearenses: além de haverem sido publicados, um século atrás, o romance *A Normalista*, de Adolfo Caminha, e os *Phantos*, de Lopes Filho, este o livro inaugural do Simbolismo em nosso Estado, foi também em 1893 que nasceram Dolor Barreira, historiador maior da nossa literatura, Martinz de Aguiar, o consagrado filólogo, e os poetas José Alberto, Hermógenes Pereira, Serra Azul, Antônio Furtado e Sidney Neto.

Na tentativa de fazer um trabalho homogêneo, resolvi falar apenas de poetas e, dentre estes, daqueles dos quais possuo maior cópia de poemas. Creio que não será descabido reunir, na mesma palestra, estes três poetas centenários do Ceará: Serra Azul, Antônio Furtado e Sidney Neto.

Serra Azul

Seu nome era Francisco Leite, e nasceu em Aurora, no dia 3 de maio de 1893, vindo a falecer em Fortaleza, em 30 de outubro de 1983, com mais de 90 anos de idade. Por ter vivido na Serra Azul, perto de Quixadá, recebeu esse apelido que, a conselho de Rodolfo Teófilo, incorporou ao sobrenome da família e passou a usar como nome literário. Autodidata, versava temas não só da literatura, mas também da ciência e chegou a lecionar Geografia e História Natural. Foi ele quem iniciou meu irmão, Rubens de Azevedo, no estudo da Astronomia.

Serra Azul, que foi um dos fundadores da Associação Cearense de Imprensa, em 1925, publicou quatro livros: *Alfaberto das Musas* (1924), *Impressões de Viagem* (1935), *Naruteza Ritmada* (1938) e *Versos Bucólicos* (1978).

Contou-me um de seus filhos, meu velho amigo Henriques de Cerro Azul, também poeta, que, logo ao chegar a

Fortaleza, ao acercar-se dos escritores da terra, afirmou Serra Azul que sempre desejara ver um poeta em carne e osso, e não apenas em fotografia. Foi então que Quintino Cunha lhe perguntou: “E você não tinha espelho em casa?”

No *Alfabeto das Musas*, que seria incluído no livro *Natureza*

Ritmada (1938), são vinte e sete figuras alegóricas celebradas: os nomes começados pelas vinte e seis letras do alfabeto de então (com o k, o w e o y) e mais uma “Incógnita”. Mas de tantas Musas quero destacar “Urânia”, talvez uma das mais caras ao poeta, pois é a deusa da Astronomia:

Um dia Urânia veio à terra e, após,
Apolo fala e ordena à maior parte
Dos grandes deuses que de toda parte
Acodem, todos, à apolínea voz:

– “Que ordena o meu senhor?” – “Vá um de vós
Atrás de Urânia que fugiu!” Dest’arte,
O mais violento, que é o guerreiro Marte,
Resolve, então, se aproximar de nós.

Mas Netuno, Saturno, Urano, Vênus,
Mercúrio, Jove, grandes e pequenos
Deuses, fazem a Apolo objeções:

Que, como Cristo viera noutra idade,
Ela viera ensinar à humanidade
A estrada de ouro das constelações.

Chego à conclusão, reforçada pela opinião de meu irmão Rubens, de que o verso que fala do guerreiro Marte “se aproximar de nós” diz respeito a uma das aproximações do planeta vermelho, em 1924. Quanto ao suarabácti do verso 11, onde “objeções” conta quatro sílabas métricas, trata-se de procedimento não referendado pelos parnasianos, mas presente em românticos, simbolistas e modernistas brasileiros.

Às vezes o artista mergulha em lucubrações filosóficas e compõe poemas de forte densidade conceitual. É o caso de “As Dimensões do Espaço”, já transcrito na minha *Literatura Cearense*, de 1976:

– “A quarta dimensão do espaço, – brada
O filósofo - é o tempo.” E a gente fica
Na mesma, sem saber como se explica
A forma no Incorpóreo, igual a nada!

A lei da avaliação, corporifica
Do espaço, uma porção determinada
Com relação a um corpo. O resto implica
Só a extensão vazia e ilimitada.

Se a sua altura é igual à profundidade
E se a largura é igual ao comprimento,
Há uma dimensão única, - a extensão.

Se esta é a primeira e o tempo é a quarta, acesa
Fica a questão sem desenvolvimento...
E as outras duas dimensões quais são?

A Astronomia está presente ainda em vários sonetos de *Natureza Ritmada*, como em “Nos Céus do Brasil - agosto” e “Nos Céus do Brasil - dezembro”, “A Estrela Antares” e os dois sonetos de “A Viagem do Sol”. Leiamos aquele em que o poeta nos mostra o céu do Brasil em agosto:

É noite. A Ursa Maior ao norte brilha.
E ao sul de sua cauda, está o luzeiro
Encarnado de Arturus, cuja pilha
De luz assesta ao sul para o Cruzeiro.

No triângulo formado em maravilha,
- Vega da Lira e a alfa do Boieiro,
Com a rubra Antares do Escorpião que pilha
E arrasta o Sagitário prisioneiro.

Próxima do Centauro, o esplêndido astro
Mais vizinho do sol, sem que se tisne
Com o Saco do Carvão, brilha no sul.

E à Via-Látea, ao norte, vai de rastro
A Águia e, a seu lado, a imensa cruz do Cisne,
Entre Vega e Altair, se abre no azul.

É ua página puramente descritiva, sem nenhuma efusão lírica. Não pensemos, por isso, que o poeta, pelo que temos lido, está naquela situação de Empédocles que, na opinião de Aristóteles, fazia versos como Homero, mas era mais cientista do que poeta. Serra Azul sabia derramar lirismo da melhor qualidade em seus versos, quando fugia um pouco à análise ou à fria contemplação da natureza. É o que ocorre no soneto “Eterna Angústia”, poema irretocável, cheio de arte e beleza e que, por si só, bastaria a meu ver para imortalizar o poeta em nossa literatura:

Vem comigo a esta praia e quieta, escuta
A dor que vem dos íntimos arcanos.
Que formidável mágoa, imensa e bruta,
Ferve e revolve o seio dos oceanos!

Passam dias sem conta, meses, anos,
Séculos e milênios, e a absoluta
Tristeza, sempre a mesma... a mesma luta...
os mesmos ais... os mesmos desenganos!...

E a este perpétuo choro, a fantasia
Dos poetas transformou nessa harmonia
De milhões de Nereidas sobre as águas!

Tal é o canto dos poetas infelizes:
Arrancando das íntimas raízes
As mais belas canções das próprias mágoas.

O poeta chega num soneto a lamentar a sorte dos artistas, mas é evidente que ele não trocaria por nada no mundo sua condição de sonhador impenitente. Pelo menos é o que depreendo da leitura de "A Poesia":

Arte ingrata a poesia estremecida!
Na floresta anda um pássaro cantando,
Quando, na selva escura repousando,
Um traiçoeiro fatal lhe rouba a vida!

Camões, essa alma cândida e garrida
Que a Portugal engrandeceu, louvando
Seus feitos, suas glórias proclamando,
Só no seio da morte achou guarida!

Sois artista? Sois poeta? Oh! que miséria!
Heis de sofrer dos homens mil tormentos
Dos que dão preço só à vil matéria!

Desses que dão pelo ouro seus inventos,
Enquanto o poeta busca a paz sidéria,
Na mansão de seus belos pensamentos.

Serra Azul é desses poetas que não se enquadram numa corrente estética: embora contemporâneo do Parnasianismo no Ceará, deliberadamente fugiu às suas regras, tanto que no soneto que se

ouviu há nas rimas quatro verbos no gerúndio. Também não se afastou do decassílabo. Mas a originalidade maior de sua obra está no caráter algo científico de sua poesia.

É com prazer e ao mesmo tempo com saudade que evoco a figura de Serra Azul, grande amigo de meu pai, e um dos incentivadores dos meus primeiros passos na literatura.

Antônio Furtado

Não cheguei a conhecer pessoalmente Antônio Furtado, falecido quando eu contava um ano e meio de idade. Mas vem de meus tempos de adolescente o convívio com os versos sonoros desse poeta, tantas vezes os reli na coletânea *A Poesia Cearense no Centenário*, de 1922, organizada por Sales Campos.

Antônio Furtado Bezerra de Menezes nasceu em Quixeramobim, no dia 14 de junho de 1893, e faleceu em Fortaleza, em 20 de agosto de 1939. Professor catedrático de Direito Judiciário Civil, foi juiz e promotor, havendo publicado várias obras no campo do Direito, além do ensaio histórico *Antônio Bezerra e a Abolição*, em 1937. De crítica literária havia publicado em 1930 o ensaio *Augusto Linhares*. Em 1931 reuniu no livro *Idéia Fixa* narrativas de diversas épocas, inclusive contos de 1913, como “Karioth”.

De poesia publicou unicamente em livro o poemeto *História Azul*, em 1921. Trata-se de opúsculo de bela feição gráfica, com delicadas vinhetas na capa. Composto de vinte estrofes de quatro versos, alterna, como “A Mosca Azul”, de Machado de Assis, alexandrinos e quebrados de heróico:

Era um besouro azul e doirado, um besouro
Feito de diamantes,
De opalas, de rubis, - engastados em ouro, -
De pedras faiscentes.

Nem todos sabem que este poemeto, cujo original é raro, está transcrito na íntegra na *Coletânea de Poetas Cearenses*, de 1952, de Augusto Linhares, e no terceiro volume da *História da Literatura Cearense*, de 1954, de Dolor Barreira.

Hugo Vítor, nos seus *Sonetos Cearenses*, de 1938, informava ter o poeta, pronto para o prelo, o livro *Poemas da Tarde do Meu Dia*, obra que jamais foi editada e que certamente abrigaria os versos que o autor espalhou em jornais, revistas e antologias.

Nessa coletânea de Hugo Vítor figura de Antônio Furtado o soneto “Poema das Abelhas”, com data de 1912. Esse soneto, com o

título "A Colmeia", havia saído na revista *Panóplia*, nº 4, de janeiro e fevereiro de 1914, com várias alterações. Interessante é o soneto, com o mesmo título "A Colmeia", mas numa lição mais próxima daquela com data de 1912, vai reaparecer na coletânea de Sales Campos, de 1922. Por me parecer a melhor das três variantes, é esta que aqui transcrevo, já o tendo feito na minha *Literatura Cearense*, de 1976:

Sob a umbela e o frescor de ermo bosque olvidado,
Num recanto de selva, entre lírios e glastos,
Havia um tronco ancião, desnudo, abandonado
Gigante, erguendo no ar os fortes membros vastos.

Nele - negro espinheiro, anoso, esburacado,
Gazil, veio poisar, entre os vermes nefastos,
Um enxame de abelha. E, no cerne esvurmado,
Um cortiço se ergueu sobre os tecidos gastos.

Um rude lenhador, que ali passou, um dia,
O tronco derribou, vibrando a acha que fulge,
E o claro mel colheu, dentre a cera sombria.

E, em troca, a áurea colmeia, em bando inquieto e loiro,
Cercando o lenhador, brilha, zumbe, refulge,
E envolve-lhe a cabeça em uma auréola de oiro.

É um soneto de recorte parnasiano, pelo descritivismo em versos alexandrinos clássicos, com algumas rimas preciosas, sendo digna de nota a imagem do verso final, com as abelhas formando uma auréola em redor da fronte do lenhador malfazejo, o que lembra de certa forma o lirismo de Guerra Junqueiro n'Os *Simple*s. Apenas para dar uma idéia das alterações introduzidas pelo autor no soneto, reproduzo aqui, da *Panóplia* de 1914, o primeiro quarteto, observando que apenas o segundo verso é igual ao da lição de 1922:

No silvano frescor d'amplo bosque enramado,
Num recanto de selva, entre lírios e glastos,
Vivia um velho tronco, um tronco abandonado
E quase morto já sob os folhedos gastos.

No soneto "Mármore Pagão", que também foi reproduzido d'A *Poesia Cearense no Centenário*, temos a arte escultórica e o paganismo da velha Helade, sem falar na evocação do mito de Pigmalião:

“Às mãos o escopro, Artista. A pedra rasga. Corta
Nobre estátua pagã, no mármore sagrado.
Trabalha! Mais! E o rosto e o aprimorado
Colo lhe esboça e talha, e os contornos recorta.

E, isso feito, depois, infunde-lhe na morta,
Fria pedra, o calor do sangue. O nacarado
Esplendor do seu corpo arome e, celso, alado,
Lembre um Sonho Pagão que à Hélade reporta.”

“Um golpe mais, Artista! Outro mais! Um ainda!”
E ei-la, Deusa e Mulher, em mármore mostrando
A rara perfeição da imagem viva e linda.

Por fim!... E ao vê-la, branca, esplêndida, na sala,
Estremece julgando (oh delírio!), julgando
Escutar-lhe, na boca, os rouxinóis da fala.

Neste poema há várias maiúsculas alegorizadoras, em Artista, Sonho Pagão, Deusa e Mulher, o que revela procedimento simbolista.

É o caso de lembrar que a maioria dos parnasianos do Ceará ostentava notas simbolistas, o que pode ser visto nitidamente em poemas como “Sugestão de Beethoven”, de Cruz Filho, ou “Magdá”, de Beni Carvalho, para ficarmos só nestes exemplos. E notas mais do que simbolistas, decadentistas, vêm-se claramente no soneto “A Cabeça de São João”, de Antônio Furtado.

No já referido livro Literatura Cearense, editado por esta Academia na gestão de Cláudio Martins, incluí Antônio Furtado no capítulo dedicado no Parnasianismo, porque esta estética representa a sua feição predominante, mas este soneto poderia figurar em qualquer antologia do Simbolismo nacional:

No silêncio aromal dos gregos aposentos,
Contempla Salomé, sobre um áreo escudo,
A cabeça do Asceta, entre laivos sangrentos,
Envolvida, por Ela, em onda de veludo.

Jaz fria aquela boca onde, em estos violentos,
A procela rugia. O olhar jaz frio e mudo,
Seu olhar onde ardia a torva ira dos ventos
E a cujo brilho astral se iluminava tudo!

Contempla-a, mudamente. E, mudamente, lembra
Seu desprezado amor. O lascivo ressábio
Dum beijo que lhe dera, a súbitas, relembra.

E, bêbeda de gozo, em anseios de louca,
Ampara o lábio ardente àquele frio lábio,
E une a boca sensual àquela fria boca.

O tema, em que a filha de Herodias demonstra amor ou atração física pelo Profeta, não está evidentemente nas Escrituras e, embora haja sido acolhido por outros poetas do Parnasianismo cearense, como Otacílio de Azevedo em *Alma Ansiosa*, de 1918 e Carlos Gondim em *Poemas do Cárcere*, de 1923, é de extração decadentista: no romance *À Rebours*, de J.-k. Huysmans, publicado em 1884, o narrador, ao fazer o personagem Des Esseintes contemplar o quadro de Salomé pintado por Gustavo Moreau, observa que nem S. Mateus, nem S. Marcos, nem S. Lucas destacaram os encantos fatídica da princesa judia, o que, segundo ele, está patente na pintura de Moreau. Mas a obra em que, pela primeira vez, a filha de Herodias beija a boca fria do profeta Iokanaan é, salvo engano, o drama *Salomé*, de Oscar Wilde, escrito em francês para Sarah Bernhardt, que nunca o levou à cena, e publicado em livro em 1893. Este drama teve uma tradução brasileira de João do Rio, editada pela Garnier em 1908.

O soneto de Antônio Furtado, que reproduzimos da tantas vezes citada coletânea de Sales Campos, havia sido estampado na revista *Panóplia* nº 6, de maio a julho de 1914, com o título “Salomé e São João”. Não foram muitas as alterações: no verso 1, em vez de “No silêncio aromal”, estava “Na mudez arromal”; no verso 2, havia mais um determinante do escudo, e portanto mais sinalefas: “Contempla Salomé, sobre um negro e éreo escudo”; no verso 7, “a torva ira dos ventos” era, na lição de 1914, “a funda ira dos ventos”. O primeiro terceto era todo ele uma só frase, depois dividida em três. No verso 12, em vez de “em anseios de louca”, estava “em espasmos de louca”, bem mais forte, diga-se de passagem.

Decadentismo também pode-se ver no soneto “Loiros...”, em cujos tercetos diz o poeta, ao falar dos cabelos da amada:

Têm um tom pauniasal de arrebol e crepúsculo,
E, perdido de amor, ébrio de amor, eu sinto
Abalo em cada nervo e febre em cada músculo.

E, com toda a Alma presa à tua Imagem langue,
Eu quero comungar, conforme um Rito Extinto,
A hóstia do teu Corpo e o vinho do teu Sangue.

Pena que não caiba nesta evocação a leitura integral das doze estrofes de “Nocturna Visio”, exaltado poema de amor do qual, apenas como amostra de sua qualidade artística, transcrevo três estâncias, quase que ao acaso:

A súbitas, na treva e luz, Tu me apareces,
Toda te desenhando em meias-cores turvas...
E desabrochas, toda – alvo cálix de preces –
Num esplendor sumptuário e helênico de curvas.

Tua imagem evocada é tão formosa e suave,
E reacende tão pouco a flama dos desejos
Que penso que ela tem a estrutura de uma ave
Que é tecida de som, de aromas e de beijos.

E, contudo, parece, e, também, eu o creio,
Que Tu vieste do Oceano espumejante e branco,
Como a antiga Afrodita, e que ainda tens, no seio,
A tempestade azul que lhe vergasta o flanco.

Este poema figura n’*A Poesia Cearense no Centeário* (1922), coligida por Sales Campos, e na *História da Literatura Cearense*, vol. 3 (1954), de Dolor Barreira. Aliás, o historiador de nossas letras reproduziu em sua obra dois poemas que haviam figurado no *Almanaque do Ceará para 1940* (postumamente, portanto), “Poema Nupcial” e “Poema da Estrela Guieira do Meu Destino”, ambos em versos polimétricos, o que indica que o poeta, perto do fim, buscava novas formas para sua poesia.

Sidney Neto

osé Vicente Sidney Neto nasceu aqui mesmo em Fortaleza, no dia 16 de setembro de 1893, vindo a falecer na mesma cidade, em 31 de dezembro de 1972.

Ao falar de Sidney Neto, peço permissão para algumas reminiscências pessoais. É que o poeta, que fora grande amigo de meu Pai, Otacílio de Azevedo, foi o meu antecessor na Cadeira nº 1 desta Academia, onde ingressei no dia 11 de outubro de 1973, há vinte anos portanto. Vi-o várias vezes conversando com meu Pai, sendo eu ainda criança. Depois, numa homenagem ao poeta Júlio Maciel, em 1958, na Casa de Juvenal Galeno, gentilmente elogiou-me a bi-

sonha declamação de um poema do homenageado, ele, Sidney, que foi um dos maiores declamadores que o Ceará conheceu, com a sua voz grave e melodiosa, transbordando de sentimento. Bem mais tarde, talvez uns dez anos depois, presenteou-me com um exemplar raro das *Poesias* de Soares de Passos. Em 1973, era eu quem sucedia ao poeta, sem substituí-lo, na Cadeira que tem como Patrono Adolfo Caminha.

A bibliografia de Sidney Neto é numerosa em títulos, mas composta quase toda de opúsculos, com curiosidade de não poucos poemas se reproduzirem noutros livros, o que demonstra que o poeta escreveu menos do que se possa pensar.

Estreou ele em 1921 com *A Noite Coroada de Rosas e de Mirtos*, de tons simbolistas:

Sob o casto esplendor do manto lutuoso,
Todo cheio de sóis, no infinito a fulgir,
Eu contemplo, de pé, louco de orgulho e gozo,
Como um rei vitorioso,

O teu reino de Ofir!

Lá adiante, vamos reencontrar a concepção wildeana de Salomé, nesta estrofe:

É o meu delírio! É a febre! E o sangue em fogo, estuante,
Faz enfim reviver a minha antiga Fé!

(E aparece a dançar em seus véus, ofegante,
A trágica princesa a cabeça do amante

Aos beijos Salomé!...)

Este poema nunca foi renegado pelo poeta; ao contrário, ele o faria reproduzir, mais de 45 anos depois, no número 34 da *Revista da Academia Cearense de Letras*, de 1965.

O segundo livro de Sidney Neto é na verdade uma obra coletiva, o opúsculo *O Canto Novo da Raça*, de 1927 (e não 1928, como já se disse), assinando por nada menos do que quatro poetas: Jáder de Carvalho, Mozart Firmeza, Franklin Nascimento e Sidney Neto. Trata-se do livro inaugural do Modernismo cearense. Numa de suas produções desse livro, Sidney Neto fala de suas angústias diante do destino do Brasil. É "O Novo poema da Pátria", que começa dizendo: "Pátria imensa e infeliz, / quanto sofro por ti!" E adiante: "Sim! quantas são as minhas grandes horas de meditação e de recolhimento, / cheias de ânsias e incertezas e dúvidas absolutas!"

Mas logo o poeta exclama, cheio de confiança:

Pátria!
os teus últimos guerreiros,
– os que marcham fitando o sol,
sem ódios, sem rancores absurdos,
cheios da flama sagrada,
repletos de entusiasmo e convicção cívica,
– guerreiros do amor puro e da glória perfeita, vencerão!

O poema, em versos livres, termina com esta exclamação arrebatada: “Pátria! és a única mulher por quem posso morrer!”

Depois desses dois livros vêm *Poemas Heróicas* (1935), *O Cântico dos Cânticos Guerreiros* e *Os Poemas da Natureza* (1937), *Baladas, Sonetos e Trovas* (1937), *Sob o Meigo e Trágico Luar de Verona* (1940), *Os Camponeses* (1946), *Altar* (1947), *Poemas Heróicos – 2ª série* (1951), *Criança, Amor!* (1956), *Paisagens Brasileiras* (1957) e *Orações da Hora Última* (1959).

No número 2 de *Maracajá*, suplemento modernista do jornal *O POVO*, que teve apenas dois números, em abril e em maio de 1929, há um “poema escrito com a ponta da faca por Sidney Neto”, como lá está dito; trata-se de “a um jovem guerreiro moderno”, igualmente em versos livres, na maioria sem rimas, mas cuja primeira estrofe (se assim posso dizer) começa com um alexandrino e tem os quatro versos rimados:

oh como tem amo, e em ti, sonhador formidando,
a beleza e o esplendor do teu espírito perfeito!
beleza que é força nova e energia ainda virgem amando,
porque, entre os eleitos, tu és o maior, és o único eleito!

O final é porém aquele verso livre preconizado por Mário de Andrade, onde a presença de um ou outro verso medido não chega a comprometer o conjunto:

e desde as aldeias pacatas
os campos sossegados,
as cidades ofegantes,
as metrópoles conscientes,
as seculares selvas americanas,

as montanhas
os ventos
as cascatas
os rios
os relâmpagos
e os verdes mares bárbaros da pátria,
tudo:

num coro inédito,
num ritmo soberano
vibrará, temblará
o hino virgem da glória nova
por um deus!!!

Este poema seria incluído em dois livros do autor: *O Cântico dos Cânticos Guerreiros e Os Poemas da Natureza* (1937) e *Poemas Heróicos - 2ª série* (1951).

No único número do jornal *Cipó de Fogo*, de 27 de setembro de 1931, figura na primeira página o poema "A Rede", assinando o poeta pela única vez, ao que eu saiba, o nome completo: José Vicente Sidney Neto:

Quando eu vi, de longe, aquela rede muito branca,
balouçando docemente, balouçando
lá no alpendre deserto da fazenda,
eu senti uma cousa bem aqui dentro do coração.

O luar, lá fora, ensaboava tudo,
lavava os currais, lavava o terreiro,
até ninguém ver mais.
Parecia uma noite de Natal, de tão branca,
tão branca...

E, nisto, desci do meu cavalo, arfando.
"Boa noite!" Estava um velho; a longa barba toda
cheia da espuma branca do sabão do luar:
"Moço, descance. A rede..."
- Obrigado.
"A rede é limpa. Nesta rede já descansou, já
dormiu um soninho
o General Luís Carlos Prestes!"

O luar, lá fora, iluminou mais alto.
A rede estava côncava,
estava cheia de sonho, ainda.
Prestes, decerto, ali, sonhou
um grande sonho para o Brasil...

Este poema, com ligeiras modificações, foi incluído na segunda série dos *Poemas Heróicos* (1951), com esta indicação no final: "N' O POVO de 1929. Profético. Não passou de grande sonho alucinante."

O *Cântico dos Cânticos Guerreiros* e *Os Poemas da Natureza*, de 1937, é um livro de feição modernista, com o citado “A um jovem guerreiro moderno”, “A Coluna”, “Exortação ao artista novo” (que irá figurar nas *Paisagens Brasileiras*, de 1957) e outros poemas em verso livre. Mas *Baladas, Sonetos e Trovas*, do mesmo ano de 37, nada tem a ver com a estética revolucionária que o poeta abraçou no final dos anos 20, e isto o título do livro já o indica. Basta ler a primeira estrofe de “Uma Balada de Amor...”:

Sim. Foi num reino imaginário,
(Meu frio verso nem traduz!)
Eu fui seguindo o meu fadário,
Pelo teu braço, - linda Cruz!
Tinha nos olhos doloridos
Teu casto vulto encantador,
Os meus sentidos, teus sentidos,
Ó meu amor, meu doido amor!

Mais adiante, “O Feliz”, soneto vazado em alexandrinos clássicos, cujo final lembra um pouco a musa de Bilac, seria incluído no último livro do poeta, *Orações da Hora Última*, de 59:

Feliz é o que ainda beija a mão que o amaldiçoa!
É o que viajando a sós, por caminho medonho,
Tem para o mau que vem uma palavra boa,
Como um raro broquel na viseira do sonho!

É o cavaleiro leal, vagaroso, tristonho,
Só tendo à flor do lábio a expressão que perdoa!
E recorda, talvez, um momento risonho!...
Feliz é o que ainda beija a mão que o amaldiçoa!

Esse, um dia, afinal, lá num fim de jornada,
Há de encontrar com a alma em chamas devorada,
Um consolo na vida, ou um repouso na morte!

Porque, em seus gestos reais, de divino e de humano,
Abençoados dos céus, em tumultos de oceano,
Heróico, é um sábio, é um crente, é um justo, é um
santo, é um forte!

Embora deva figurar entre os modernistas da primeira hora no Ceará, o poeta na verdade tanto prezava os cantos marciais de seus poemas em verso livre, quanto o lirismo, entre clássico e

romântico, de suas baladas e de seus sonetos, como que preven-
do os rumos ecléticos que a poesia brasileira tomaria.

Por sinal é de Sidney Neto um dos mais belos sonetos dedica-
dos à sua cidade natal. Falo de “Fortaleza”, que figura na *Coletânea
de Poetas Cearenses*, de Augusto Linhares, saída em 1952, e nas duas
edições, de 1953 e 1973, do *Cancioneiro da Cidade de Fortaleza*,
organizado por Artur Eduardo Benevides:

Quando a manhã em chama toda acesa
Abre a corola ao sol como uma flor
Enorme - azul e ouro - Fortaleza
Desperta para a vida - que esplendor!

E um cântico de glória à áurea princesa
Vibra dos claros céus, deslumbrador.
É uma oferta da luz para a Beleza,
Um delírio de aroma para o Amor.

Trabalha e canta o dia todo. À tarde,
Quando o sol, no horizonte, em brasas, arde,
Espera a paz da noite. E, ao rosicler,

Vai ficando mais bela para o sono,
Nessa atitude mansa de abandono,
Num sedutor sorriso de mulher!

Serra Azul, Antônio Futado e Sidney Neto, tão diferentes em
sua arte, tiveram em comum o apreço pela poesia, esta “força –
como dizia Schiller – que atua de maneira divina e inapreendida,
além e acima da consciência”.